

Deus e o diabo na terra do futebol

Miguel Athayde

O termômetro do posto dez, praia de Ipanema, estampava, do alto de sua frieza, da sua racionalidade, de sua objetividade irritantes: quarenta e um graus.

Mal sabia ele, no entanto, que sua atitude burocrática, aristocrática, refletia, sinestesticamente, o alegre, nervoso, apreensivo clima que contagiava a cidade. Era dia de Fla-Flu.

À beira da praia, o barraqueiro – morador de Queimados – anunciava eufórico, profético, o placar do **match** que tinha início marcado para as 17 horas: “Olha, patrão, vou ser sincero com o senhor. Largo tudo daqui a pouco para ir ao Maracanã, e hoje dou até dois de lambuja para vocês da Zona Sul”.

Recebeu o “patrão” a cerveja entregue pelo barraqueiro. Aquela sinceridade deslavada, aquela pseudo-humildade enchia-o de ódio. Trincando os dentes, Renato Ferraz de Tal e Tal, 34 anos, empresário bem-sucedido, comentava com seu parceiro de trabalho – este tinha verdadeiro horror, ou melhor, uma insipidez obtusa por futebol – o que mais tarde viria a se confirmar:

– Basta um empate. Um empate e eu estou satisfeito. Somos tricampeões. É jogar no contra-ataque, retrancado. Pra que arriscar? Não que o Flamengo esteja com essa bola toda mas... É só conferir lá em casa, assistindo pela TV à cabo...

O amigo, que se auto-promovia como sendo um dos poucos intelectuais consagrados num país de ignorantes, retrucou, acadêmico:

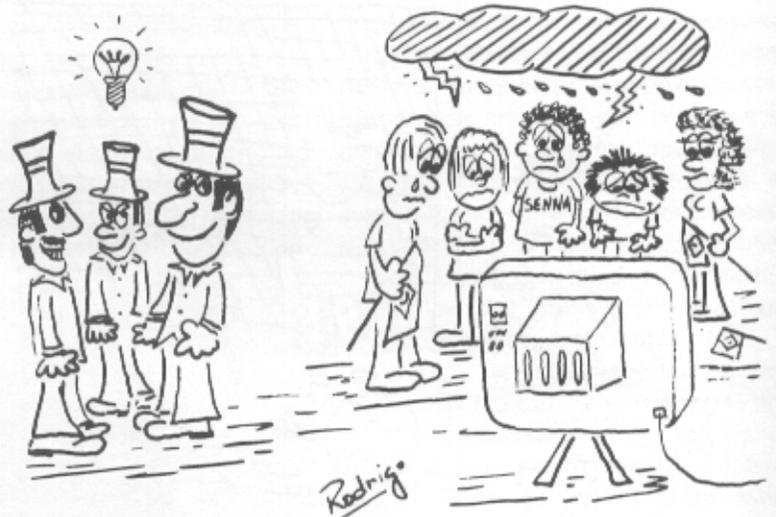
– O futebol é o ópio do povo.

É uma besta ou não é, esse rapaz? Ora, sendo o Maracanã o “coringa brechtiniano” brasileiro, ou seja, o mais fiel narrador da história nacional, não há como negar uma ululante realidade: O FLA- FLU é, no Brasil e no mundo, o mais importante clássico de toda a história da raça humana. É o clássico das multidões.

Segundo o saudoso Nelson Rodrigues, “no dia da inauguração do paraíso, houve um Fla-Flu de portões abertos, e escorria gente pelas paredes”.

O fato é que nenhum outro jogo retrata tão magnificamente o imaginário popular, a saga, a dualidade, a dramaturgia da vida humana.

Pode-se dizer que o Fla-Flu exprime a alma de um povo em toda a sua complexidade. Cada torcedor tricolor ou rubro-negro é uma montanha de reflexão filosófica, psicológica, social e histórica. Num jogo entre Flamengo e Fluminense, os “irmãos Karamazov” do futebol, a briga é entre Deus e o diabo, entre o “urubu” e o “pó-de-arroz”, entre, finalmente, o povo e a elite.



Só que aí a regra vale para todo mundo, sem discriminações sociais, culturais, étnicas e religiosas.

É por isso que soam, freqüentemente, gritos de “ela, ela, ela, silêncio na favela!” na torcida do Fluminense. É a comemoração. É mais um gol marcado contra seu arqui-inimigo que, por ironia, é uma dissidência daquele. Data: 1911. A disciplina, valor tão significativo para as classes dominantes, tem, como não, participação no hino tricolor: “Fascina pela sua disciplina...”. A religiosidade, fundamental no dia-a-dia de uma sociedade ocidental, também merece cânticos da torcida tricolor:

“A benção João de Deus...”. É, disciplinada, desconfiada – dificilmente comparece em peso aos estádios – , religiosa.

Do outro lado das arquibancadas, à esquerda das cabines de rádio e televisão, flamenguistas empunham gigantescas bandeiras de Che Guevara. O hino rubro-negro, o “mais cotado no Fla-Flu”, resume o

sentimento que domina sua nação, a nação rubro-negra: “Uma vez Flamengo, sempre Flamengo/ Flamengo sempre eu hei de ser...vencer, vencer,vencer... eu teria um desgosto profundo se faltasse o Flamengo no mundo...”. É simplesmente apaixonada.

As estatísticas são reveladoras: pesquisa de sondagem mensal de opinião – cujo tema era “O Torcedor carioca e o futebol” – realizada em junho de 1993 pelo Instituto de Pesquisa DATABRASIL, no Rio de Janeiro, comprova que o Clube de Regatas do Flamengo tem realmente a torcida das multidões. É aquela que atinge uniformemente todas as classes sociais e todas as faixas etárias. O Fluminense, por sua vez, confirma a fama de clube de elite. Sua torcida se concentra quase que totalmente na Zona Sul e, em sua maioria, tem nível superior completo,

“Num jogo entre Flamengo e Fluminense, a briga é entre Deus e o diabo, entre o povo e a elite”

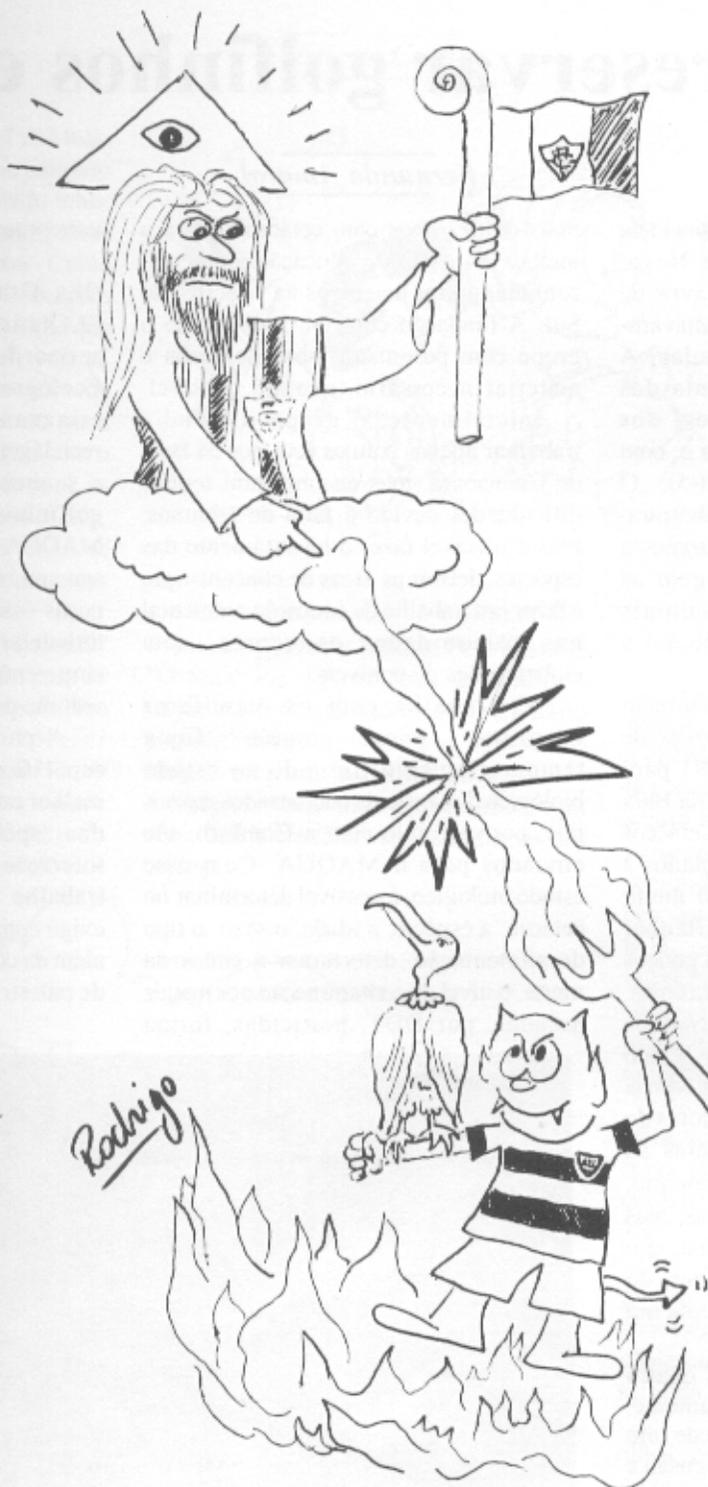
pertencendo, portanto, às classes A e B.

A "Placar", revista esportiva de maior circulação no país, registrou em recente pesquisa que o Flamengo é, em todo Brasil, a maior torcida. O Fluminense fica com uma modesta sexta colocação.

Interessante notar: no Rio de Janeiro, quando o Flamengo perde um jogo, é comum haver um aumento da criminalidade na cidade. São dados das delegacias cariocas.

Só mesmo, então, na praia, o espaço mais anti-democrático da cidade, se poderia pinçar – sim, pois são milhares os exemplos – um episódio desses. O fato é que a praia é hoje um ícone irretocável da luta de classes marxistas que radiografam os anos 70, 80, 90 de sempre. Digo anti-democrático e explico: transparente como a água e violento como um arrastão é hoje a realidade brasileira, já que as rivalidades social, econômica, cultural e política recrudescem diariamente. A maioria, cada vez mais miserável, cabe apenas o papel de servir a minoria que, de maneira alguma, abre mão de seus interesses.

O desequilíbrio da pirâmide social é flagrante, inquietante. A superestrutura, sentindo-se cada vez mais ameaçada, agarra-se desesperadamente em tudo que lhe afigura frente a frente. O caso Ayrton Senna, ao desviar nossa atenção do cenário político brasileiro para uma tragédia automobilística, ilustra mais uma maneira de as classes dirigentes ganharem fôlego e reaproveitarem o uso do mesmo artifício de sempre:



exportar a crise interna. Foi assim na Guerra do Golfo, com os Estados Unidos de George Bush. Lembram-se do Sadam? Pois é. Criamos também um inimigo externo, ou seja, o nosso Sadam – o dirigente-chefe da Federação Internacional de Automobilismo (FIA), Bernie Ecclestone.

É no Maracanã, no entanto, onde termina o comedimento. A regra é única para todos. Fermentam-se as diferenças. Há, finalmente, a possibilidade de se viver democraticamente, pelo menos a princípio – esqueçamos dos "Caixas-D'água" da vida. O Estado e as instituições, desmoralizados, não são mais quem determinam o jogo da vida. Dentro das quatro linhas, quem representa as regras é o juiz de futebol, que já pela roupa impõe respeito e moralidade, mas que na arena brasileira pode ser xingado, ultrajado. O direito do torcedor, o "fazer pressão", no Maracanã faz diferença. O homem tem voz. Os seus representantes, os jogadores de futebol, que lá estão e graças a eles sobrevivem, são cobrados quando não respondem à altura e aplaudidos quando merecem. Se as regras são ruins, os torcedores não comparecem aos estádios. Glauberianamente, o torcedor nunca admite, no Maracanã, o conformismo como lei. Readaptam-se, pois, às regras do jogo. O Maracanã é, eis a grande realidade, o verdadeiro Congresso Nacional. Já dizia Nelson Rodrigues: "O intelectual brasileiro que ignora o futebol é um alienado de babar na gravata". ■